

Como quase todos os pais da igreja, Agostinho era obcecado por Gênesis 1—3, texto que, com razão, considerava a chave para a cosmovisão cristã. O Dr. Ortlund nos leva de volta ao homem e suas convicções tão distantes e ao mesmo tempo tão próximas de nossas próprias preocupações. Os leitores modernos serão desafiados pelas ideias de Agostinho e, ao travarem um diálogo com ele, poderão encontrar respostas aos dilemas que enfrentam. Um livro fascinante sobre um assunto fundamental para nosso tempo.

Gerald Bray, professor pesquisador de divindade, Beeson Divinity School na Universidade de Samford e autor de *História da interpretação bíblica* (Vida Nova).

Precisamos de pastores como Gavin Ortlund assim como precisamos de livros escritos por pastores como ele! Seu capítulo introdutório sobre a humildade cria o cenário para um livro responsável, academicamente robusto e com motivação pastoral.

Craig D. Allert, professor de estudos religiosos, Trinity Western University.

À medida que os debates sobre Criação, evolução e o Adão histórico chegam a uma nova conjuntura crucial entre os evangélicos, dificilmente posso imaginar um parceiro de discussão oriundo da tradição da igreja melhor do que Agostinho e seu inabalável compromisso com a verdade das Escrituras, sua corajosa disposição para perseguir questões difíceis, e sua humilde recusa em oferecer respostas apressadas ou precipitadas. Gavin Ortlund nos oferece um relato coerente quanto ao que a exegese agostiniana do Gênesis tem para oferecer.

Phillip Cary, professor de filosofia na Eastern University.

Que contribuição tem antigo bispo Agostinho de Hipona para os debates contemporâneos acerca da Criação, a idade da terra e a evolução? Muita, como se vê. Nesse estudo magistral de Gavin Ortlund sobre a doutrina da Criação de Agostinho, os leitores encontrarão um exercício extremamente útil, inteligente e humilde de reflexão teológica sobre uma questão bastante incômoda.

Scott Manetsch, editor da *The Reformation and the Irrepressible Word of God*, professor de história da igreja na Trinity Evangelical Divinity School.

O que nós, que vivemos na revolução pós-industrial no século 21, temos a aprender sobre a Criação com um bispo do quinto século do norte da África? Bastante. Primeiro e acima de tudo, Agostinho nos ajuda a aprender como pensar, não apenas

o que pensar. Em *Agostinho e a doutrina da Criação: uma sabedoria antiga para uma controvérsia atual*, Gavin Ortlund nos convida para uma conversa com uma das maiores mentes da antiguidade tardia, a fim de explorarmos juntos a distinção fundamental entre “natureza” e “Criação”; a última como a tentativa idólatra de perceber nossa realidade como independente, enquanto que a primeira restaura o que Ortlund chama de “uma estrutura holística para vivermos como criaturas de Deus no mundo de Deus”. Esse é um livro que precisa ser lido devagar, pois o assunto ou o efeito transformador não podem ser apressados. E não há interlocutor melhor do que Agostinho para nos ajudar a sair de uma idolatria autônoma e autorreferente para o Criador de tudo, de quem portamos a imagem. Ortlund nos fez um grande favor. *Tolle, lege!*

George Kalantzis, professor de teologia e diretor do Wheaton Center for Early Christian Studies.

Pessoas de todas as posições na discussão da igreja a respeito das origens têm escolhido citações de Agostinho a dedo para sustentar suas perspectivas, sem se aprofundar no seu real ensino sobre a doutrina da Criação. Ao fazê-lo, tentamos captar Agostinho segundo nossa própria imagem. Ortlund prestou um serviço a todos nós ao nos apresentar uma compreensão muito mais abrangente do pensamento de Agostinho sobre a Criação e ao resgatar sua voz através de muitos séculos. Prevejo que o tratamento que Ortlund dá a Agostinho também decepcionará diferentes tipos de pessoas — as que recorrem a ele apenas para promover teorias. Ele nos dá um Agostinho mais complexo, sofisticado e surpreendente — um Agostinho que me faz querer ler mais de Agostinho... E mais de Ortlund.

J. B. Stump, vice-presidente do BioLogos.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| <i>Nota sobre as citações</i> | 11 |
| <i>Agradecimentos</i> | 13 |
| INTRODUÇÃO | |
| OS DEBATES SOBRE A CRIAÇÃO PODEM ENCONTRAR SOLUÇÃO EM AGOSTINHO? | 15 |
| CAPÍTULO 1 | |
| O QUE ESQUECEMOS SOBRE A CRIAÇÃO | 29 |
| <i>Como Agostinho pode ampliar nosso horizonte de interesses</i> | |
| CAPÍTULO 2 | |
| A VIRTUDE QUE FALTA NO DIÁLOGO CIÊNCIA-FÉ | 81 |
| <i>Agostinho sobre a importância da humildade</i> | |
| CAPÍTULO 3 | |
| RESOLUÇÃO DE UM DEBATE ANTIGO | 123 |
| <i>Agostinho sobre o sentido literal de Gênesis</i> | |
| CAPÍTULO 4 | |
| “EM LOUVOR DE CINZAS E ESTERCO” | 163 |
| <i>Agostinho sobre a morte animal</i> | |
| CAPÍTULO 5 | |
| A EVOLUÇÃO INVALIDA A QUEDA? | 193 |
| <i>Agostinho sobre Adão e Eva</i> | |

CONCLUSÃO

**RESUMINDO A INFLUÊNCIA DE AGOSTINHO
SOBRE O DEBATE DA CRIAÇÃO249***Índice remissivo257**Índice de passagens bíblicas263*

NOTA SOBRE AS CITAÇÕES

As citações das obras de Agostinho foram tiradas em geral da edição crítica do seu texto latino no *Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum* (Viena: Tempsk, 1894-1900) e são assim anotadas: CSEL volume: parte, número da página. Quando uma obra específica não está incluída no CSEL, recorri eventualmente à *Patrologia latina* de Jacques-Paul Migne (Paris: 1844-1855), anotando como PL volume: coluna. Salvo indicação em contrário, para os comentários de Agostinho sobre o Gênesis, tomei por base as traduções de Edmund Hill nos volumes pertinentes de *The works of Saint Augustine: a translation for the 21st century* (Hyde Park: New City), usado com permissão); para as *Confessiones* [*Confissões*], usei a tradução de R. S. Pine-Coffin em *Saint Augustine, Confessions* (New York: Penguin, 1961); para *De civitate Dei* [*A cidade de Deus*], utilizei a tradução de Marcus Dods em *The city of God* (Urbana: Project Gutenberg, 2014, www.gutenberg.org/ebooks/45304.); e para *De libero arbitrio* [*O livre-arbítrio*], utilizei a tradução de Anna S. Benjamin e L. H. Hackstaff em *On free choice of the will* (Upper Saddle River: Prentice Hall, 1964). As exceções são citadas nas notas de rodapé, assim como as referências às cartas, aos sermões e a outras obras de Agostinho.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi concluído no período de minha bolsa de residente na Trinity Evangelical Divinity School no ano letivo 2017-2018, graças ao generoso subsídio fornecido pela Templeton Religious Trust como parte do The Creation Project, supervisionado pelo Carl F. H. Henry Center for Theological Understanding. Sou muito grato à Templeton Religious Trust pela generosidade e visão, e ao Henry Center pela hospitalidade e pelo apoio.

O ano que passamos em Chicago foi uma temporada de aprendizado bastante profícua, e no decurso da residência me beneficiei da interação com uma ampla variedade de pessoas envolvidas no *Creation Project*. Tive o prazer de participar de discussões semanais durante o almoço com a equipe do Henry Center e outros bolsistas. Entre eles, Tom McCall, Geoff Fulkerson, Joel Chopp, Dick Averbeck, Marc Cortez, Daniel Houck, Stephen Williams e Nathan Chambers. Em março de 2018, discutimos um esboço prévio do capítulo 4, e obtive um feedback proveitoso. Nas Conferências Dabar tive o privilégio especial de conversar com William Lane Craig, J. Richard Middleton, Bill Kynes, A. J. Roberts, Fuz Rana, John Walton, John Hilbur, Jim Stump e Paul Copan.

Desde os tempos de Covenant Seminary e ainda durante o período que passei no Creation Project, Jack Collins contribuiu consideravelmente para o meu entendimento do livro do Gênesis e de hermenêutica bíblica de modo geral. Sou grato por seu incentivo e por tudo que ele me ensinou. Matthew Levering foi uma grande fonte de estímulo e apoio durante esse projeto, não medindo esforços para dar conselhos e fazer comentários sobre meu trabalho. Na minha estada em Chicago, fiz amizade com Todd Wilson, e meu envolvimento com a St. Anselm Fellowship of the Center for Pastor Theologians foi um estímulo para minha pesquisa. Antes e depois de nossa temporada em Chicago, passei um tempo no Reasons to Believe como

professor visitante e fui muito enriquecido com a convivência que tive ali. Sou particularmente grato a Hugh Ross por sua amizade e seu apoio.

Uma versão anterior do capítulo 4 foi lida como parte do Colloquium on Creation and the Problem of Evil [Colóquio sobre Criação e o Problema do Mal], sob a liderança do Chicago Theological Institute, realizado no Wheaton College entre 23 e 24 de março de 2018. Alguns parágrafos da introdução e os capítulos 1 a 3 surgiram anteriormente em uma forma mais acessível ao público leigo no periódico online *Sapientia*.¹ Os amigos mencionados a seguir foram bastante generosos para revisar e comentar os rascunhos prévios de alguns capítulos: Scott Manetsch, Daniel Houck, Austin Freeman, Dave Lauer e Eric Ortlund. Scott Manetsch me ajudou e me apoiou no empenho de publicar o livro. Gostei muito de trabalhar com todos da IVP e, em particular, estou em débito com David McNutt pela abertura ao analisar este projeto e pela prestimosa colaboração durante a jornada.

Minha esposa, Esther, merece um agradecimento muito especial — por ter-se disposto a fazer uma pausa no ministério pastoral no sul da Califórnia e se aventurar no Centro-Oeste, suportar o inverno nevoso de Chicago, cuidando de algumas crianças pequenas (uma das quais chegou durante a residência), e passar por tudo isso sem jamais fraquejar na amizade, no apoio e no comprometimento. Uma coisa é certa: sou abençoado além do que mereço.

¹Veja Gavin Ortlund, “Can the creation debates find rest in Augustine?”, *Sapientia*, 14 de agosto de 2017, <https://henrycenter.tiu.edu/2017/08/can-the-creation-debates-find-rest-in-augustine>; “What we forget about creation: how Augustine expands our vision”, *Sapientia*, 21 de agosto de 2017, <https://henrycenter.tiu.edu/2017/08/what-we-forget-about-creation>; “The missing virtue in the creation debates: Augustine on why humility matters”, *Sapientia*, 28 de agosto de 2017, <https://henrycenter.tiu.edu/2017/08/the-missing-virtue-in-the-creation-debates>; “Did Augustine read Genesis 1 literally?”, *Sapientia*, 4 de setembro de 2017, <https://henrycenter.tiu.edu/2017/09/did-augustine-read-genesis-1-literally>.

INTRODUÇÃO

OS DEBATES SOBRE A CRIAÇÃO PODEM ENCONTRAR SOLUÇÃO EM AGOSTINHO?

Observe a beleza do mundo e louve o plano do Criador. Observe a sua obra, e ame quem a fez. Acima de tudo, apegue-se a esta máxima: ame quem a criou, porque ele também criou você, que o ama, à própria imagem dele.

SERMÃO 68.5

Imagine um jovem no final da adolescência. Ele acabou de se mudar para a cidade a fim de frequentar a escola. Durante seus estudos, ficou convencido de que o relato da Criação do Gênesis é incoerente com as correntes intelectuais mais sofisticadas da época. Ele rejeita a fé cristã, em que foi criado, e nos seus vinte anos se entrega aos pecados da juventude e a ambições mundanas.

Ele acaba conhecendo cristãos que defendem uma interpretação diferente dos primeiros capítulos de Gênesis, e sua crítica intelectual do cristianismo é abalada. Ele entra em um período de indecisão e profunda angústia. Sua mãe continua orando por ele. Por fim, depois de muita luta e conflito pessoal, ele passa por uma experiência de conversão comovente.

Esse é o testemunho de Santo Agostinho (354-430), que é seguramente o maior dos pais da igreja e o teólogo cristão mais influente na história da igreja.¹ Contudo, em linhas gerais, é uma história que se repete com bastante

¹Em sua mui prestigiada história da doutrina cristã, Jaroslav Pelikan escreve sobre Agostinho: “provavelmente não há teólogo cristão — oriental ou ocidental, antigo, medieval ou moderno, herético ou ortodoxo — cuja influência histórica se compare à dele” (*The Christian tradition: a history of the development of doctrine* [Chicago: University of Chicago Press, 1971], vol. 1: *The emergence of the Catholic tradition 100–600*, p. 292) [publicado em português por Shedd Publicações sob o título *A tradição cristã*, vol. 1: *Uma história do desenvolvimento da doutrina — o surgimento da tradição católica*].

frequência em nossos dias. Os detalhes são diferentes, é claro. Hoje, por exemplo, a nossa ameaça é o naturalismo, enquanto na época de Agostinho era o maniqueísmo.² Mas conhecemos muito bem o quadro geral — sobretudo porque, hoje, histórias como essa muitas vezes não têm um final feliz.

A CRIAÇÃO ESTAVA NO CENTRO DA TEOLOGIA E DA VIDA DE AGOSTINHO

Muitas pessoas não têm conhecimento do papel que Gênesis desempenhou na conversão de Agostinho, e a maioria não saberá identificar a doutrina da Criação como o ponto alto de sua teologia. Quando pensamos em Agostinho, nossa inclinação é pensar em sua ênfase na graça divina, em sua nobre doutrina da igreja ou em suas ideias perspicazes sobre a Trindade.

De muitos modos, porém, a doutrina da Criação está no centro da fé cristã de Agostinho, de sua vocação pastoral e de toda a estrutura de sua teologia. Não tivesse Agostinho ouvido, no ano 384, Ambrósio pregar sobre Gênesis 1 com enfoque alegórico, talvez ele nunca tivesse combatido o donatismo ou o pelagianismo. Ainda mais importante, Agostinho continuou lutando com a doutrina da Criação por toda a vida, e ela se tornou parte integrante de sua teologia. Ela não só o motivou a escrever três comentários diferentes sobre Gênesis, mas também aparece em momentos cruciais em outras de suas obras importantes. Por exemplo, suas *Confissões* encontram seu auge em uma exegese de Gênesis 1, e *A cidade de Deus* fundamenta sua visão das duas cidades em uma longa análise da doutrina da Criação, em especial o relato de Gênesis.³

²O maniqueísmo era uma religião dualista que misturava gnosticismo e ideias pagãs com ideias cristãs. Foi muito difundido na Cartago do quarto século, onde Agostinho estudou quando jovem. Agostinho foi maniqueu por quase dez anos antes de voltar ao cristianismo. Grande parte de sua doutrina da Criação se desenvolveu como reação às teorias maniqueístas. Para um resumo das crenças maniqueístas, veja Gerald Bonner, *St. Augustine of Hippo: life and controversies*, 3. ed. (Norwich: Canterbury, 2002), p. 157-92.

³*A cidade de Deus* foi uma obra motivada pela acusação de que a fé cristã era culpada pelo saque de Roma. A primeira parte do livro reage a essa acusação, enquanto a segunda estende a discussão para uma interpretação mais ampla da história. Essa segunda parte, que começa no livro 11, tem início com uma análise da Criação. Vou tratar da importância da Criação nas *Confissões* com mais detalhes no capítulo 1.

Em tudo isso, Agostinho enfrentava a doutrina da Criação em nível profundamente existencial. Embora pareça exagerado, sugiro que a Criação é para Agostinho o que a justificação é para Lutero, ou a transcendência divina é para Barth — isto é, a área da teologia que chegou a uma expressão particularmente vigorosa por causa da jornada pessoal de um teólogo, visível em quase tudo o que este escreveu.

Por ter sido engendrada no contexto do debate apologético, a doutrina agostiniana da Criação tem uma espécie de toque filosófico, mais do que apenas orientação estritamente exegética ou pastoral. Mesmo suas obras exegéticas dedicam espaço e energia consideráveis a digressões acerca da origem da alma, da natureza da memória ou das diversas visões maniqueístas. Por isso, ao abordar a sua doutrina da Criação, adquirimos uma noção de como o cristianismo fazia sentido no todo para Agostinho — de quanto o cristianismo é melhor do que seus sistemas intelectuais e religiosos concorrentes para prover uma explicação da complexidade do mundo, a intensidade da disputa entre o bem e o mal e os estranhos anseios da alma humana.

A doutrina agostiniana da Criação já era reconhecida como oficial durante a vida de Agostinho. Quando perguntaram a Jerônimo sobre as origens da alma, sua resposta enumerou cinco possíveis explicações — mas, por fim, recomendou a seu leitor que fosse ao “homem santo e erudito, bispo Agostinho, que podia ensiná-lo *viva voce*, como se diz, e explicar sua própria concepção e, na verdade, a nossa, por ele mesmo”.⁴ As eventuais diferenças de Jerônimo com Agostinho sobre essa questão tornam seu respeito pelo bispo de Hipona ainda mais revelador nesse contexto. Também na Idade Moderna, os intérpretes de Agostinho descobriram a importância de sua obra para assuntos de fé e ciência. Galileu Galilei, por exemplo, ao defender suas teorias, citou o comentário de Agostinho sobre Gênesis mais de dez vezes.⁵

⁴Carta 165.1, em Boniface Ramsey, ed., *Letters (Epistulae) 156–210*, tradução para o inglês de Roland Teske, *The Works of St. Augustine: a Translation for the 21st Century* (Hyde Park: New City, 2004), p. 74.

⁵Veja a discussão em Tarcisius van Bavel, “The Creator and the integrity of Creation in the Fathers of the Church”, *Augustinian Studies* 21 (1990): 1.

No entanto, apesar de toda a sua importância, a doutrina da Criação não é um dos aspectos mais conhecidos de sua teologia. Como observa N. Joseph Torchia: “Não obstante as investigações aparentemente não exaustivas sobre a vida e a obra de Agostinho de Hipona, sua teologia da Criação continua sendo um lado relativamente negligenciado de seu pensamento”.⁶ Além disso, quando se aborda sua doutrina da Criação, ela é muitas vezes posta a serviço de interesse ou ideologia contemporâneos específicos.⁷ Às vezes, isso causa certa distorção das ideias de Agostinho, de tal modo que se pode encontrar a menção de seu nome em lados opostos de diversos debates ao mesmo tempo. Já na década de 20 do século passado, Henry Woods lamentava a associação do conceito agostiniano de *rationes seminales* com a teoria da evolução biológica de Darwin,⁸ e, em anos recentes, Alister McGrath tem se apropriado do pensamento de Agostinho a fim de dar uma estrutura teológica que envolva a ciência moderna, em especial a teoria da evolução.⁹ Na outra direção, os criacionistas da terra jovem recusam qualquer associação de Agostinho com a ideia

⁶N. Joseph Torchia, *Creatio ex nihilo and the theology of Augustine: the anti-Manichaean polemic and beyond*, American University Studies 205 (New York: Peter Lang, 1999), p. ix.

⁷Obviamente, não há nada de errado em abordar Agostinho à luz de questões e preocupações contemporâneas (esse é o objetivo deste livro). O perigo é que, em muitas dessas tentativas, não se dá atenção suficiente ao contexto original de Agostinho. Para uso mais atento de Agostinho em relação a preocupações atuais, veja, p. ex., Scott A. Dunham, *The Trinity and creation in Augustine: an ecological analysis* (Albany: State University of New York Press, 2008).

⁸Henry Woods, *Augustine and evolution: a study in the Saint's De Genesi ad litteram and De Trinitate* (New York: The Universal Knowledge Foundation, 1924). Mesmo associações anteriores das *rationes seminales* com a evolução são documentadas no estudo clássico de Eugène Portalié, *A guide to the thought of Saint Augustine*, tradução para o inglês de Ralph J. Bastian (1902; reimp., Chicago: Henry Regnery, 1960), p. xxxi-ii, 139-41.

⁹Alister McGrath, *A fine-tuned universe: the quest for God in science and theology* (Louisville: Westminster John Knox, 2009), p. 95-108 [publicado em português por Ultimato sob o título *O ajuste fino do universo: em busca de Deus na ciência e na teologia*]; McGrath, *The passionate intellect: Christian faith and the discipleship of the mind* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2010); McGrath, “Augustine’s origin of species: how the great theologian might weigh in on the Darwin debate”, *Christianity Today* 53:5 (May 2009), www.christianitytoday.com/ct/2009/may/22.39.html.

de que a terra exista há milhões de anos,¹⁰ e são ávidos por reivindicar o legado do bispo de Hipona como sua propriedade.¹¹

A essas dificuldades, soma-se o desafio mais geral da persistência de certas representações desfavoráveis do pensamento e da personalidade de Agostinho na impressão popular e eventualmente no retrato acadêmico. Talvez por sua influência no cristianismo e na cultura ocidentais ter sido tão ampla, às vezes ele é lido através das lentes dessa influência (real ou aparente). Por conseguinte, sua reputação tem sido controversa. Rowan Williams, por exemplo, refere-se à ampla gama de “clichês sobre a hipotética responsabilidade de Agostinho pela suposta obsessão do cristianismo ocidental com os males da existência corporal ou da sexualidade, ou seu distanciamento do mundo da ética pública, seu entendimento excessivamente filosófico da unidade de Deus ou qualquer outra coisa é considerada a raiz de todos os males teológicos”.¹² Algumas dessas ideias serão tratadas ao longo deste livro, na medida em que afetam de modo considerável os temas tratados, em especial as ideias que beiram a caricatura — por exemplo, a crítica de Colin Gunton a Agostinho como o progenitor de todos os terríveis monismos que deterioraram a civilização ocidental moderna. Para a maioria delas, espero que o simples contato renovado com Agostinho enfraqueça ou supere muitos dos infelizes “agostinismos” que sempre brotam dos textos de história. Para os que conhecem Agostinho apenas por terceiros, a simples experiência de uma leitura atenta de seus escritos autênticos muitas vezes é suficiente para atenuar a imagem popular de um defensor empedernido da ortodoxia mediante a compreensão de um pensador afável, generoso e imensamente sensível.

¹⁰Por exemplo, Louis Lavellee, “Augustine on the creation days”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 32:4 (1989): 464, critica o “uso do ilustre nome de Agostinho para apoiar a harmonização entre Gênesis 1 e a ideia de uma terra antiga e/ou do desenvolvimento evolutivo”. Lavellee cita esse uso de Agostinho nos escritos de Charles Hodge, William Shedd e James Orr. O próprio engajamento de Lavellee com Agostinho consiste sobretudo de citações em bloco com relativamente poucos comentários e análise.

¹¹E.g., James R. Mook, “The church fathers on Genesis, the flood, and the age of the earth”, in: Terry Mortenson; Thane H. Ury, orgs., *Coming to grips with Genesis: biblical authority and the age of the earth* (Green Forest: Master Books, 2008), p. 35-8, 48; Terry Mortenson; A. Peter Galling, “Augustine on the days of creation: a look at an alleged old-earth ally”, January 18, 2012, <https://answersingenesis.org/days-of-creation/augustine-on-the-days-of-creation>.

¹²Rowan Williams, *On Augustine* (New York: Bloomsbury, 2016), p. vii.